

Super-heróis no divã: além da máscara e das capas

Liandro Lindner¹

Resumo: Dentro da cultura popular e urbana do século XX, a figura do super-herói representa uma referência de coragem, valentia e superação. No imaginário social, ou no senso comum, ocupa importante papel a figura idealizada que, mesmo com dificuldades e limitações, consegue superar obstáculos e salvar os humanos de terríveis ameaças. Majoritariamente ligados à cultura estadunidense, onde nasceram, os super-heróis representam o ideal americano de vencer as adversidades na pátria das oportunidades. Pouco comentado é o universo das subjetividades dessas criaturas; são raras as vezes em que isso fica explicitado, sobretudo nas relações com suas figuras parentais e em relação à própria sexualidade e às relações amorosas, que surgem com diversas apresentações. Ambos os pontos são interessantes objetos de estudo em relação a apresentação, desenvolvimento e enfrentamento de questões subjetivas destes seres fictícios, representativos de uma forma de vida localizada nos EUA que galgou influência em todos os cantos, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial. Este texto objetiva iniciar uma reflexão sobre esses pontos de vista, apresentando análises iniciais de três super-heróis: Super Homem, Homem-Aranha e Batman.

Palavras-chave: Super-heróis; Imaginário; Discurso; Psicanálise

Superheroes on divan: beyond the mask and capes

Abstract: Within popular and urban culture of the 20th century, the figure of superhero represents a reference of courage, bravery and overcoming. In the social imaginary, or in common sense, the idealized figure plays an important role who, despite difficulties and limitations, manages to overcome obstacles and save humans from terrible threats. Mostly linked to American culture, where they were born, superheroes represent the American ideal of overcoming adversity in the homeland of opportunities. The universe of these creatures' subjectivities is rarely commented on; it is rare that this is made explicit, especially in relationships with their parental figures and, secondly, in relation to their own sexuality and the love relationships that arise with different presentations, although almost always within the same tuning fork. Both points are interesting objects of study in relation to the presentation, development, and confrontation of subjective issues of these fictional beings, but representative of a form of life located in the US and which gained influence everywhere, especially after the Second World War. Worldwide. This text aims to initiate a reflection on these points of view, presenting initial analyzes of three superheroes: Superman, Spider-Man and Batman.

Keywords: Superheroes; Imaginary; Discourse; Psychoanalysis

¹ Possui Doutorado em Ciências pela Universidade de São Paulo (FSP/USP, 2015), Mestrado em Ciências, pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICT) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ/Rio de Janeiro, 2011). Graduado em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1994), especialização em Comunicação e Saúde pela FIOCRUZ/Brasília (2007), especialização em Teoria do Jornalismo e Comunicação de Massa (PUC/RS, 1995), e especialização em Comunicação e Economia Política (PUC/RS, 1994). E-mail: liandro.lindner@gmail.com.

Introdução

O desenvolvimento da indústria cultural, moldando comportamentos e hábitos, impacta fortemente a sociedade ocidental. A pressão para que o estilo de vida estadunidense, empreendido pelo slogan *american way of life*, seja considerado modelo universal, se apresenta de forma sutil nas diversas produções culturais. Músicas, séries, filmes, novelas, comerciais e outras formas midiáticas reforçam esta intenção, de forte componente político e ideológico.

O surgimento dos super-heróis ganha espaço e importância sobretudo no período entre as duas grandes guerras mundiais (1914-1918, 1939-1945) e, no período da Guerra Fria (1947-1991), tornou-se um dos elementos que ganhou forma e presença no imaginário de crianças, adolescentes e adultos. Diante das crises e ameaças coletivas, surgem os super-heróis apresentados como ideais de coragem, força e determinação – e, claro, incorporando os valores capitalistas e a supremacia dos EUA como modelo de ser e estar no mundo globalizado. Além disso, esse ideal de herói contribui para o desenvolvimento da disputa entre capitalismo e o socialismo, no caso representado pela hoje extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). O personagem e seu contexto político-histórico estão diretamente ligados ao que, no dizer de Moscovici (1978) evidencia que não existe sujeito sem sistema e sistema sem sujeito. Do panteão de super-heróis, três personagens ganharam destaque mundial, expandindo sua presença além das páginas das Histórias em Quadrinhos (HQs), ganhando audiência na TV e cinema, e compondo de forma impactante o imaginário social. São eles o Super-Homem, o Batman e o Homem Aranha.

57

A primeira aparição do Super-Homem com o nome de *Super Man* foi em 1938, seguindo-se sua inserção no cinema e na TV através de pequenas séries em 1948 e 1952, e ganhando as telas das superproduções cinematográficas em 1978. De lá para cá, vários filmes foram produzidos, sendo o último em 2016. O advento do Batman nas HQ se deu em 1939, transformando-se em seriado de cinema em 1943, e de TV em 1966, que ganhou sucesso mundial (com forte audiência no Brasil) e chegando aos cinemas no mesmo ano, somando oito filmes até 2012 e outras três participações até 2017. Já o Homem Aranha é um personagem que surgiu em 1962, tendo o seu primeiro filme em 2002 e de lá para cá outros oito filmes vêm subsidiando a franquia.

Além do componente político dos personagens, incorporando uma forma de poder como guardiões da humanidade sobre o mal, chamam atenção os aspectos da personalidade de cada um, que em alguns momentos se cruzam e em outros se distanciam, mas que revelam aspectos interessantes a serem vistos sob a luz da psicanálise.

Saliente-se ainda que todos os personagens são jovens, brancos, aparentemente heterossexuais, esforçados e preocupados com a coletividade, em especial com vivem nos EUA. A vida nos grandes centros urbanos também os caracteriza, bem como o uso de roupas específicas,

sobretudo máscaras e capas, que funcionam como um marco divisor entre o ser trivial no seu cotidiano e a personalidade fantástica que assumem. Fica saliente que, além de representar um tipo comum e aceito como ideal por grande parte das pessoas, o super-herói transporta o imaginário da população a identificar nestes biotipos a solução para os problemas e a garantia de proteção contra as ameaças.

Família é

Família ah

Família

Os núcleos familiares dos super-heróis se apresentam sempre pela marca da separação traumática e de um tipo de abandono, que busca uma compensação/amenização ao longo de sua história. O Super-Homem, nasceu no planeta *Krypton* e foi enviado numa nave para a Terra, fugindo da explosão do seu planeta. Pousando numa cidade rural, no interior do Kansas, é adotado por um casal. Já os pais de Batman, empresários e filantropos, foram mortos por um vilão quando ele tinha oito anos, tendo sido criado sob os cuidados de seu mordomo e tutor em Gotham City, Nova Jersey. E o Homem Aranha perdeu os pais ainda bebê, e foi criado pelos tios em Nova York, o assassinato do tio por um ladrão marca um novo começo para ele.

58

Interessantes notar que o solo estadunidense, se apresenta como o ideal para a superação dos traumas e o desenvolvimento de habilidades de salvação da população, dos males que os atormentam. Os vilões que surgem, ameaçando as famílias e a sociedade norte americana, enfrentam os poderes destes filhos da América que, além das suas próprias dores, se elevam no desenvolvimento de atitudes mais amplas e nobres.

Observe-se que a perda dos laços familiares iniciais dos três personagens parece ser a marca de uma busca de superação, diante das dificuldades, e a motivação para o empreendimento da missão salvadora dos (norte americanos) sofredores.

As pulsões, como fenômeno físico e psíquico, se expressam nos personagens de formas diferentes. O Super Homem se retrai em contato com a Kryptonita que, não apenas limita seus superpoderes, mas o enfraquece a ponto de imobilizar. Como o mineral parece ter vindo do seu planeta natal, caindo em alguns locais da Terra após sua explosão, pode-se entender que o enfraquecimento dele também está ligado ao trauma da perda dos pais, da origem e da identidade, situação que tenta fugir em sua rotina heroica, mas que a pedra ao faz lembrar, mesmo contra sua vontade. A pressão que esta pulsão causa impulsiona seu comportamento em busca de satisfação e gratificação, buscando alguma forma de prazer na salvação dos humanos, aliviando a pressão da orfandade e da falta de referências.

No caso do Batman, o aspecto, embora com diferenças, parece oscilar no mesmo eixo. Aqui não se trata de um extraterrestre, mas de um ser humano com habilidades e instrumentos, mas sem superpoderes. Seu famoso “cinto de utilidades” revela não apenas artefatos tecnológicos de última geração, mas também a sua capacidade de raciocínio rápido para a solução de problemas, bem como uma ilustração da supremacia desenvolvimentista dos norte-americanos.

No entanto, Batman, leva a alcunha de Cavaleiro Solitário e, com o assassinato de seus pais, o trauma elaborador se apresenta ainda com maior intensidade. Voltando de uma sessão de cinema, o casal é baleado e não resiste, o pequeno fica sozinho com os corpos inanimados, num beco escuro. A partir deste fato que o menino decide dedicar sua vida a combater o crime, assumindo uma identidade paralela de homem morcego, animal com hábitos noturnos, adição aguçada e vida, na maioria das vezes, solitária.

As pulsões de vida e morte parecem duelar constantemente dentro dele. Por um lado, quer celebrar a vida, proporcionando justiça e bem-estar aos ameaçados, por outro se entrega a dor da perda dos pais de forma brutal, recordando seu luto, se isolando e cultivando o persona de Cavaleiro das Trevas. As lembranças parecem se concentrar em todas suas ações, como um impulso para agir, em algum momento, ou como um chamado ao isolamento e a melancolia/depressão em outro.

A história do Homem Aranha é um mix entre as outras duas. Humano, ele sofre mutação depois que foi picado por aracnídeos radioativos que, por isto, lhe concedem poderes extraordinários. Aqui junta-se a busca de um tipo de vingança pela morte dos pais (apresentados em algumas versões como agentes das CIA), com a possibilidade de exercitar as novas capacidades na luta contra o maligno.

No entanto, enquanto os outros parecem exercer suas ações como compensação de suas perdas, este parece sentir um prazer em suas lutas como forma de superá-las. O corpo do Homem Aranha tem uma importância em sua dimensão psíquica, é dele que emergem as teias que o apoiam nos fabulosos saltos e o sustentam no escalar dos prédios de Manhattan. Este exibicionismo, aplaudido pela população e admirado pelos fãs, parece ser saboreado pelo personagem, que os promove a exaustão sobretudo nos filmes, onde as imagens favorecem uma apreciação melhor dos atos.

Há a impressão de que uma forma de libido se manifesta nestas atitudes. A energia do herói apertando os pulsos e jorrando teias que se espalham rapidamente, pode ser vista como uma alusão fálica a ejaculação masculina. Neste momento é que o potencial do personagem ganha toda a vitalidade. Formas fortes de mostrar sua força, mas também um ato prazeroso que o eleva além da forma tímida que o caracteriza quando não está usando a máscara de super-herói.

Amor, Sexo e Heroicidade

Ponto curioso na análise das personalidades destes super-heróis são as relações amorosas, afetivas ou sexuais que estes estabelecem com seu entorno. Importante lembrar que dois deles surgem no final da década de 1930, quando reinava uma moralidade política que moldava estas relações de forma conservadora e persecutória, típica da época.

Com a implantação do *New Deal*, programa de recuperação econômica, liderado pelo presidente Franklin Roosevelt, entre 1933 e 1937, o surgimento do Super Homem e Batman suprem dois pontos no imaginário social: a capacidade de superação e o ideal de um tipo de felicidade. O combate a “ameaça” comunista viria na esteira disto, principalmente nas décadas seguintes, com o crescimento do Macarthismo, política de perseguição aos comunistas e flagrantes violações a direitos constitucionais nos EUA. Não por coincidência, o Homem Aranha é criado durante a gestão de John Kennedy (1961-1963), auge da guerra fria onde a disputa de influências entre Estados Unidos e então União Soviética chegava no seu ápice.

Nestes contextos de reforço dos valores estadunidenses, a questão relacional dos super-heróis também se moldou sintonizada com sua época. O arranjo de casal, baseado na heteronormatividade, na identificação de raças e classes sociais e no modelo patriarcal preponderava nas manifestações culturais nestes dois períodos e, por consequência, também refletiam na vida dos super-heróis.

60

No caso do Super Homem a história mostra o jovem Clark Kent apaixonado por uma vizinha ruiva chamava Lois Lane, com quem acaba se casando. Em algumas versões aparecem outras namoradas, mas estas são as mais famosas. Os dois casos são emblemáticos da personalidade do Super Homem, no primeiro um namoro de infância pueril e inocente, no segundo a timidez como elemento que separava o casal.

Estes dois exemplos parecem apontar um homem inseguro diante de relacionamentos afetivos, desenvolvendo incapacidade inicial de desenvolvimento das relações permeadas ora pela infantilidade, ora pela timidez. Note-se que as duas namoradas têm em comum as iniciais LL, as mesmas do maior inimigo do Super Homem, Lex Luthor. Esta casualidade pode encobrir uma subjetividade do herói, de encarar as mulheres como algum temor, uma forma sutil de sentir ameaçado como se sente diante do vilão. O superego do personagem parece não se assentar somente na moralidade rural estadunidense onde foi criado, mas também concepção edipiana de desejos ambivalentes, onde o amor das mulheres surge como um consolo e uma ameaça gerando atitudes amorosas ou hostis. Uma outra possibilidade de abordagem é a relação que o personagem pode fazer com os pais, que o abandonaram enviando-o para a Terra. Temendo um possível abandono, ele reluta em se envolver.

A mais recente polêmica, ocorrida em 2021, foi quando foi divulgada pelo escritor de quadrinhos Tom Taylor uma versão em HQ, onde Jon Kent, filho adolescente de Clark Kent, aparece beijando outro rapaz, assumindo o que foi classificado como uma bissexualidade. Diversas manifestações contrárias a situação geraram polêmicas nas redes sociais virtuais, revelando o quanto o tema ainda é candente, assemelhando-se a discursos moralistas em outros períodos da história.



Figura 1 – Jon Kent aparece beijando outro rapaz em versão de HQ divulgada por Tom Taylor. Fonte: Twitter Tom Taylor.

Já Batman parecer ser o personagem que mais teve mudanças, neste aspecto, desde sua criação. A primeira namorada do super-herói, em 1939, chamava Julie Madison, que no decorrer do tempo se torna uma mulher moderna e libertária. Depois veio Vicki Vale que provavelmente é a mais famosa das namoradas aparecendo desde a década de 1940 até 1983. Aqui já se nota uma gradativa mudança de perfil das mulheres com quem Batman se relaciona, Vicki é mais sensual e se mostra mais. Tanto é que a modelo escolhida para o HQ foi Marilyn Monroe.

Mas o relacionamento mais marcante do Homem Morcego foi com a Mulher Gato, iniciado em 1966. Desde o começo, quando ainda ela era uma vilã, existia uma tensão sexual muito grande entre os dois. O uso de roupas colantes, as máscaras, os olhares lascivos e diretos criavam uma atmosfera sensual, que parece ter ferido a moral da época. Em 1954 a revista foi tirada de circulação em resposta a uma campanha que a acusava de conteúdo inapropriado e a culpava do aumento da marginalidade nos Estados Unidos. Em Batman: o Retorno (1992), Bruce Wayne e a Mulher-Gato canalizavam sua tensão sexual trocando tapas, arranhões, chicotadas e lambidas.

Batman, uma criança criada sem o pai e a mãe, sentia em relação a ela desejos de possuir e de ser possuído. A roupa de couro ou lurex, os decotes generosos e os miados, que por vezes se assemelhava a um grunhido orgástico, contribuíam para a ideia fetichista da personagem. Este reforço foi tão grande que ainda nos anos 1960 uma atriz negra interpretou a personagem, acentuando a erotização do corpo feminino negro, o que se repetiu em 2004, com a atriz Halle Berry no papel principal. Diante dela o super-herói se entregava, talvez celebrando seu próprio narcisismo.



Figura 2 – A personagem Mulher-Gato e a erotização do corpo feminino negro. Fonte: www.canaltech.com.br.

Apesar de sempre exalar masculinidade, e forte sedução com as mulheres, sempre havia uma porta aberta deixando margem para uma relação homossexual entre Batman e seu companheiro Robin. Enquanto um era sombrio e contido, usando roupas escuras, o outro era bem-humorado, alegre e se vestia de forma mais colorida. Ambos funcionam como um complemento um do outro, com o superego de ambos exortando vontades, mas proibindo desejos incestuosos, mesmo que latentes.

62



Figura 3 – Batman e Robin: uma porta aberta para uma possível relação homossexual entre os personagens. Fonte: www.rollingstone.uol.com.br.

Já a primeira namorada do Peter Parker, Liz Allen namorava outro rapaz e se juntava a ele para debochar do Super Herói, em sua versão humano. Depois este adquire os seus superpoderes, e

se torna o Homem Aranha, fica mais confiante e acaba atraindo a atenção da jovem. Este fato pode levar a considerar a ideia de plasticidade, onde o herói se prendia a realidade de ser caçado e, quando se tonifica com a transformação que o eleva a outro patamar, modifica sua modalidade de satisfação e ao mesmo tempo também muda o olhar da outra personagem, que passa a desejá-lo.

A mais popular namorada do Homem-Aranha é Mary Jane, como todas as outras relações, foi igualmente difícil. A princípio não queria nada sério ele, até que um dia o jogo virou e foi o próprio que não quis arriscar nada com ela, mas o toque de “Conto de Fadas” levou os dois a um casamento no final.

Estes dois exemplos ilustram a dificuldade de relacionamento do herói, que – pelo jeito, não inspirava confiança e maturidade por parte das mulheres. Sua personalidade aparentemente tímida, voltada para os estudos e até um pouco presunçoso parecia afastar o sexo oposto. Na sua dualidade, no entanto, quando se transforma num Super Herói o jogo vira e ele se torna objeto de desejo. Talvez de forma inconsciente a busca da superação pela perda dos pais, e depois do tio, o leve a um amadurecimento precoce, visto que o herói recebe os poderes, e se modifica geneticamente, quando ainda era uma adolescente.



Figura 4 – Mary Jane, a mais popular namorada do Homem-Aranha. Fonte: www.oglobo.com.br.

Chama a atenção que o tio falecido, seu referencial masculino, chamava Benjamin (mesmo nome do meio de Peter Parker), que é um nome tradicional do judaísmo, aparecendo no Antigo Testamento como o filho mais novo de Jacó e Raquel. O criador do Homem Aranha, Stan Lee, era filho de judeus romenos e pode ter passado de forma sublimar alguma mensagem referente ao

protagonismo materno na formação dos filhos judeus, e suas consequências futuras em relação a personalidade e relacionamentos diversos. Este fato ajuda a pensar que a transformação do personagem se deu quando era ainda muito jovem, semelhante a cerimônia de Bar-Mitzvá, quando o menino com 13 anos passa a vida adulta, assumindo sua maioridade religiosa e passa a ter responsabilidades perante sua comunidade e suas tradições.

Além disto, as excitações sobre o próprio futuro e as neuroses parecem exibir um tipo de sofrimento, um conflito mental que se transformava em problema físico, no caso a mutação que faz o garoto tímido se metamorfosear num Super Herói. Freud, que também era judeu, pensa na neurose obsessiva através da religião destacando a ausência do amor relacional como uma relação do amor de Deus, distante e silencioso.

Máscara, Capa e Fantasias

Interessante notar que as roupas dos super-heróis foram se adequando com os tempos, passando a serem mais justas e sensuais, modelando melhor os corpos, destacando coxas, peitos, mamilos. Tais modelitos seriam impensáveis em sua concepção inicial, mas tal mudança tornou os super-heróis mais atraentes e, por consequência, mais desejados. Os fetiches parecem residir na afirmação constante da virilidade e masculinidade do super-herói e, para isto, a construção corpórea acompanha o tempo em sua definição e apresentação. No entanto, o tamanho acima da média e o destaque a estrutura muscular, ombros largos e estrutura forte parece estar presente em todos eles.

As manifestações de libido nos super-heróis se manifestam, em grande parte, em suas ações: às vezes entre socos, extravasando toda sua energia agressiva, destruindo prédios e carros, jogando para longe inimigos e terminando com a existência de ameaças a paz mundial, a segurança e ao bem-estar das pessoas. Por outras vezes, toda esta energia reside nas tensões sexuais que seu comportamento ou na sua presença, causando reações em expectadores e leitores.

Guerra e sexo: dois pilares da resposta das pulsões humanas, sobretudo junto aos homens, se representam junto aos heróis com superpoderes. A discussão sobre a violência como resposta a excitação, causada pelas pulsões ganha um especial aspecto quando se lê o comportamento dos super-heróis estadunidenses. Parece haver uma autorização inconsciente para que a resposta agressiva seja usada, ilustrando assim a personalidade salvadora dos personagens com as atitudes bélicas do país, sobretudo nos períodos mais tensos, como as Grandes Mundiais e a Guerra Fria, conforme já citado.

Além disto, o desejo parece ser um elemento camuflado em todas estas ações de confronto. Quando um destes heróis distribui sopapos ele não está somente cumprindo sua missão de salvador, mas também – e de igual e talvez maior intensidade, respondendo. Conforme Freud

(1915) a pulsão se apresenta como “um estímulo (basicamente interno) para o psíquico.”, no caso o estímulo da chamada gera ações rápidas para se entrar em ação. Quando o Batman vê a imagem do morcego projetada no céu ou quando o Super Homem entra numa cabine telefônica para trocar de roupa, a rapidez em suas ações pode também representar os impulsos que assaltam a todos e que resultam em respostas rápidas, quase automáticas, sempre apressadas, buscando um tipo de prazer de forma igualmente acelerada.

O sexo rápido num lugar público, quando a vontade bate e não se pode segurar o desejo da concretização do ato, a aspiração da fumaça do crack cada vez mais constante tentando multiplicar a rapidez fugaz daquele prazer e a insistência em continuar assistindo mais um episódio da série favorita, mesmo sabendo que o dia de trabalho começa cedo na manhã seguinte são alguns exemplos, em intensidade diferentes, de como as pulsões se manifestam na busca do prazer.

O deleite do super-herói é se exibir de forma narcísica, talvez muito mais do que salvar, mas o que restaria deles se não fizessem isto? Considerando o passado de cada um, nota-se que o abandono, a falta do afeto materno e a busca de adaptação num mundo hostil parecem presentes. Quem sabe a busca da heroicidade seja também uma forma de fugir das angústias e as tentativas, tácitas ou explícitas de tentar erotizar estes atos, uma busca de prazer compensatório das dores enfrentadas desde cedo. Se o homem vive a angústia do perder, os paladinos da ficção caracterizam esta intensa mortificação e contra ela parecem dedicar sua vida, não apenas livrando o mundo de suas ameaças, mas igualmente tentando livrar-se de duas dores.

A utilização de máscaras e capas igualmente pode se revestir de um sentido mais profundo, visto que o objetivo inicial de simbolizar poderes ou impedir que as pessoas de seu entorno o identifiquem são muito superficiais, quase risíveis. O uso destes elementos parece se embricar em questões mais profundas, que reúnem elementos tanto da erotização de suas atitudes heróicas, como da fetichização destes objetos.

A utilização de máscaras pode ser vista como uma forma de fugir da dor de determinada realidade, enviando o conteúdo que está tensionado de volta para o inconsciente, causando assim uma sensação de alívio da tensão causada pela repressão. Quando Bruce Wayne se máscara e se transforma em Batman, ele está também fugindo do sofrimento que viveu perdendo os pais, e se transformando num ser superior a isto porque a preocupação maior passa a ser o bem comum. Da mesma forma quando Clark Kent arranca seus óculos de jornalista atrapalhado, e se reveste da capa que serve como um impulso para que voe, ele acelera para longe de sua realidade de ter a família destruída, da vida num lugar distante, da rotina da redação do Planeta Diário e da pressão de seu editor chefe Perry White. Depois de sacar sua capa ele voa rápido sobre a cidade, voa para longe de seus problemas, dedicando-se ao seu prazer maior de destruir inimigos para salvar a humanidade.

O fotógrafo Peter Parker também trabalha num jornal, o *Daily Bugl* de Nova York, uma representação da capacidade do olhar de uma aranha, com seus oito olhos, muito acima do ser humano em termos de angulação. Ao se vestir de Homem Aranha o tímido rapaz, antissocial e inseguro ganha ares de um confiante homem, com trajes justos que evidenciam suas curvas e, em alguns episódios, flertam com o underground.

As fantasias edípicas de sedução parecem se encontrar nestes elementos simbólicos que, por sua vez, podem servir de impulso para a manifestação do “fantasma da onipotência”. A máscara e capa se transformam em objetos que transmitem poder e prazer, fontes de uma pretensa capacidade de a tudo superar, mas, no entanto, também envolvem em si o medo da falha, do erro, do não conseguir. Mesmo com anatomia diferente podemos até atribuir a estes objetos uma conotação fálica, uma vez que esta concepção simbólica está ligada a ideia de potência.

Essa simbologia parece, enfim, presente em todo o universo que circunda os super-heróis, o peitoral do Super Homem, onde ricocheteiam balas, o Batmóvel do Batman e as teias lançadas pelo Homem Aranha são elemento de profunda subjetividade visto a potência destas, pontos fundamentais para a concepção do Super Herói.



Figura 5 – Batman e o indestrutível Batmóvel. Fonte: Observatório do Cinema.

O carro potente, rápido e indestrutível, e que, em algumas cenas, aparece maior do que o próprio protagonista talvez seja uma das simbologias fálicas mais evidentes. A indústria automobilística, através de sua área de Publicidade e Marketing, explora a exaustão a ideia associada de masculinidade e carros grandes. No caso de Batman isto parece ficar evidente desde

sua criação: sua capacidade de superação estava no seu ambiente e no potencial deixado a sua disposição. Não tendo passado por transmutações como Super Homem e Homem Aranha, a ele resta a utilização da fortuna herdada e a parceria frutuosa com a tecnologia para se tornar-se algo muito além do que era. Profética esta estratégia visto a imensa dependência das tecnologias (sobretudo midiáticas) que grande parte da população passaria ter algumas décadas depois. Atualmente o fetiche de se ter mais rápida conexão, maior capacidade de dados e mais caro aparelho também pode ser interpretado como transformação fálica destes objetos

Conclusão

A criação de personagens fictícios, detentores de superpoderes e dispostos a trazer novamente a harmonia uma sociedade caótica e ameaçada, serve em primeiro lugar a objetivos políticos localizados. A construção de bases culturais que imprimam no inconsciente coletivo valores, inclusive estranhos a própria cultura de povos e grupos, já é uma prática dos países dominantes e do sistema capitalismo, visando uma aceitação e posterior adesão a seus valores e, secundamente ou paralelo a isto, a criação de uma teia de consumo relacionada a eles. Um super-herói não apenas é uma figura simpática, mas envolve valores tácitos e explícitos e movimenta uma imensa máquina de consumo ao seu redor. Portanto o investimento neste processo atinge plenamente seus objetivos, dada a expectativa que se cria quando da divulgação de novos episódios, os debates que surgem ao redor deles, ocupando principalmente os meios de comunicação e, principalmente, a movimentação financeira com a aquisição de produtos e serviços com ligação aos personagens.

67

Mas além desta questão, que parece evidente numa sociedade consumista e assolada pela Indústria Cultural, os personagens trazem em sua personalidade aspectos que vão além disto. Algumas fragilidades, conflitos, neuroses e até contradições dos personagens surgem em determinadas situações, ilustrando um aspecto mais humano deles, embora não saibamos se isto ocorre de forma intencional ou não.

Curioso notar que há um privilégio na apresentação de aparente indestrutibilidade dos super-heróis, do ponto de vista físico, o destaque as habilidades de luta, a saltos espetaculares, alternativas de acesso a lugares considerados inóspitos e outros atos ilustram um pouco a forma pela qual se valoriza o personagem, e imprime as características principais de suas peculiaridades. No entanto, na medida em que se aprofundam as análises sobre as personalidades, atitudes e comportamentos nota-se diversos pontos de prejuízo em sua saúde mental, fato pouco destacado nos HQ e nas telas, embora evidente ao observador mais atento.

Teriam os criadores deixado pistas de que o aspecto humano dos personagens são fontes de suas fraquezas? A ideia da superação dos obstáculos parece estar presente o tempo todo, porém o mesmo invencível herói se fragiliza diante de lembranças duras da infância, da separação familiar ou do confronto diante de uma mulher mais independente e decidida. Ou estes aspectos passaram despercebidos pelos autores ou uma forma sublimar de lembrar de nossas limitações foi deixada, como uma senha, nas entrelinhas das narrativas.

Sintonizados com o paradigma cartesiano de que a razão que permite a vitória frente aos obstáculos (“Penso, Logo Existo”), os personagens se apresentam como poderosos defensores da civilização, enfrentando a barbárie, a selvageria e as ameaças de destruição da sociedade contemporânea. Contudo, na batalha interior que travam encarando ou ignorando seus monstros internos parece ficar sugerido que o espaço para superpoderes está mais reduzido. Ali o chamado para uma autoavaliação, um encarar no espelho de suas fraturas emocionais e de suas amarras psíquicas nem sempre encontra oportunidade de ser revelada.

Segundo Nietzsche (1887), a ideia de super-homem está ligada a um constante processo de superação. Ele e Freud eram contemporâneos da mesma época, vivendo no mesmo ambiente cultural, e há vários pontos em comuns entre suas ideias. Uma das que chama a atenção no tema aqui apresentado é a noção da interiorização das forças, quando Nietzsche afirma que “Todos os instintos que não se descarregam para fora, mas voltam-se para dentro – isto é o que chamo de interiorização do homem”. Por sua vez Freud prega a “cura pela palavra”, ou seja, a possibilidade de, pelo diálogo terapêutico, se estabelecer livres associações, possibilitando a criação de novos significados e reaprendendo a olhar o passado e, assim, criando um futuro diferente.

68

Se do ponto de vista humano, a conexão entre a possibilidade de superação é apresentada por esta estratégia de cuidado, fica difícil imaginar os super-heróis abrindo-se a possibilidade de admitir fracassos, feridas emocionais ou danos causados.

A contribuição dos heróis de HQ para a psicanálise, talvez resida especialmente neste aspecto de demonstrar que a fortaleza aparente pode esconder uma profundidade de questões, que nem sempre aparecem na performance cotidiana, mas que existe. Além de estarem presentes elas eclodem, em determinado momento, provocando angústia, ansiedade ou algum sentimento de inferioridade, em decorrência da perda sentida. Mesmo que as produções ressaltam apenas o lado grandioso do personagem, em raros e rápidos momentos outras realidades aparecem, mas quase imediatamente os chamados a ação surgem e ocupam a atenção e o tempo da história.

A possibilidade de um personagem poderoso buscar ajuda psicanalítica (como já foi utilizado em outros seriados televisivos recentes, como *Lúcifer*²), parece ser impossível nestes

² Seriado americano, produzido pelo canal Fox, que estreou em 2016, chegando a cinco temporadas até 2021.

personagens, pois poderia ao expor estas dificuldades, diminuir a identificação criada com o público em relação a sua heroicidade. Mesmo que não se fale abertamente destes temas, a sua relação fica visível e sua discussão possibilita a ampliação de conceitos de onipotência, podendo causar ainda uma busca maior por superação de sofrimentos e neuroses.

Referências

FREUD, Sigmund. **As pulsões e suas vicissitudes**, in E.S.B., vol. XIV, R.J., Imago, 1974.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Trad. Mario da Silva. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1887.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978